



ESTÁ NASCENDO UMA NAÇÃO: A NARRATIVA DE CHINUA ACHEBE COMO UM OLHAR SOBRE O PROCESSO DE FORMAÇÃO DO ESTADO NIGERIANO(ÁFRICA OCIDENTAL, SÉCULO XX)

Willian Felipe Martins Costa¹, Katarina Kristie Martins Lopes Gabilan², Cadidja Assis Pinto³, Emílio Ranieri Migliorini⁴, Claudia Mortari⁵

¹ Acadêmico (a) do Curso de História, FAED - bolsista PROBIC/UDESC

² Acadêmica do Curso História da FAED

³ Acadêmica do Curso História da FAED

⁴ Acadêmico do Curso História da FAED

⁵Orientadora, Departamento de História, FAED – claudiammortari@gmail.com

² Orientadora, Departamento de História, FAED – claudiammortari@gmail.com.

Palavras-chave: História da África, Literatura, Narrativa, Estudos pós-coloniais e decoloniais.

Esta comunicação é parte do projeto de pesquisa Modos de ser, ver e viver: o mundo Ibo a partir da escrita de Chinua Achebe (África Ocidental, séc. XX), desenvolvido no âmbito do Laboratório AYA de Estudos Pós-Coloniais e Decoloniais (UDESC/FAED) e tem por objetivo, a partir da obra do nigeriano Chinua Achebe (1930-2013) *Longer At Ease / A Paz dura pouco* (1960), discutir acerca do processo de formação do Estado-Nação nigeriano no período que antecede a sua independência. A região que conhecemos hoje como Nigéria, que está localizada na costa oeste africana, durante o século XIX foi alvo sistemático das investidas coloniais britânicas. É a partir do final deste século que há, de fato, interiorização e estruturação dos sistemas coloniais em África, ou seja, os colonizadores europeus começaram efetivamente a entrarem no território e instalarem seus aparatos administrativos. A partir desse momento, fronteiras arbitrárias começam a serem negociadas e definidas, estruturas coloniais impostas resultando em impactos e transformações nos modos de vida das populações locais. No século XX, fundamentais transformações no modo de pensar, resultado das lógicas tradicionais de ser e estar no mundo e das experiências coloniais, começam a fomentar o surgimento dos movimentos por libertação em África. No caso da Nigéria, esse processo culmina com a independência em 1960. Nesse ponto, a escolha de trabalhar com a produção literária de Achebe, em específico com *A Paz dura pouco* (1960) na qual o enredo se passa no período que antecede a independência, ocorre primeiramente por entendermos a obra como uma narrativa literária e um documento histórico que, enquanto tal, deve ser problematizado e interpretado. Essa perspectiva, da literatura como fonte histórica, possibilita pensarmos as obras literárias como elementos possíveis de serem analisados e que proporcionam a construção de um conhecimento histórico, já que suas produções, bem como, seus autores estão inseridos em um determinado tempo e espaço e tais elementos podem servir como um registro de uma dada realidade social. Sendo assim, considera-se a fonte proposta aqui



como resultado da perspectiva de Achebe sobre o processo de formação do Estado-Nação nigeriano e que está permeada por suas experiências enquanto um homem, que cresceu sob o protetorado britânico, ou seja, possuiu uma educação colonial ao mesmo tempo em que foi criado dentro da tradição do povo Igbo, ao qual pertence. Ao escolhermos a produção de Achebe, além do fato dele ter vivenciado tal momento da história do país e ter escrito a partir de sua experiência, levamos em consideração um outro ponto, a narrativa dos próprios sujeitos. Tal perspectiva vem de um campo dos Estudos Africanos que parte da ideia de pensar uma produção de conhecimento *a partir de África* e não somente *sobre África*, ou seja, trabalhar com narrativas e produções de conhecimento dos próprios sujeitos africanos para tal finalidade. Não somente isso, partimos do pressuposto de que ao trabalharmos com as narrativas de Achebe temos a possibilidade de construir um conhecimento acerca do continente africano que vai em contrapartida ao imaginário e as narrativas, muitas vezes estereotipadas e falaciosas, construídas sobre Áfricas e suas populações a partir da modernidade. Pensa-se, como disse Achebe (2007) uma vez em entrevista, em um “equilíbrio das histórias”, onde até então as histórias acerca de Áfricas foram contadas por um lado e suas narrativas entram como a possibilidade de ouvirmos o outro lado, o lado dos próprios sujeitos africanos. Tal noção também nos permite partir e dialogar com o campo dos estudos Pós-coloniais e Decoloniais que nos auxiliam no exercício de pensar uma construção de conhecimento dentro de perspectivas outras, ou seja, não eurocêntrica, pois não só devemos nos atentar ao que essas populações têm a dizer como, também, partir do desafio de deslocar nosso olhar e construir um conhecimento que esteja pautado em lógicas outras de saberes e de ser e estar no mundo. Nesse sentido, a partir da análise de *A Paz dura pouco* (1960), um romance que retrata a vida de um jovem Igbo, Obi Okonkwo, e os desafios por ele enfrentado frente a uma estrutura colonial a qual ele passa a fazer parte, bem como, o conflito com suas raízes e tradições, pretende-se entender qual o olhar do autor, enquanto um sujeito inserido e atuante no contexto, em relação ao processo de constituição de uma identidade e organização do país Nigéria no período próximo a independência. Além disso, partindo de uma experiência dos Igbos, observada através de Achebe, busca-se perceber como esse processo se desenvolveu em populações nas quais as sociedades são profundamente marcadas pela tradição. Sendo assim, é possível formular possíveis compreensões acerca de como a tradição e as formas de organização sociais e políticas locais são parte constituinte desse processo e influenciam na construção de uma identidade nigeriana, bem com, de uma crítica de Achebe em relação ao Estado Nação Nigeriano em formação e de suas estruturas de poder. Isso pode ser observado quando o autor constrói sua narrativa com arcos centrados na questão da administração colonial, sendo o personagem principal um funcionário dessa, mas também quando apresenta a temática da corrupção exercida pelos africanos dentro do sistema. Porém, a sua escrita, ao mesmo tempo nos permite evidenciar e desvincular a questão da corrupção de um imaginário falacioso, pautado na raça, de africanos essencialmente corruptos e nos possibilita direcionar nosso olhar sob a agência de seres humanos em seus determinados contextos e espaços.

